

EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO DE UMA UNIDADE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NA SECRETARIA DE AGRICULTURA E MEIO AMBIENTE DO MUNICÍPIO DE CRUZ DAS ALMAS, BAHIA

Cláudio Lisboa da Silva¹; Lorena da Paixão Oliveira²; Marluce Santana de Oliveira²

¹ *Estudante do curso de Agroecologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Estagiário da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas; Rua Manoel Brás Oliveira, n. 36, Taperoá – Bahia, e-mail: claudyus10@hotmail.com.*

² *Estudante do curso de Agroecologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

Resumo

RESUMO – As vivências e atividades práticas são importantes para a consolidação de saberes e para socialização de conhecimentos. No caso em questão, as experiências referem-se à implantação de uma unidade de plantas alimentícias não convencionais na área de produção vegetal da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas, Bahia. Esta experiência teve como objetivo instalar uma unidade que pudesse se constituir enquanto área de demonstração destes recursos vegetais locais, bem como possibilitar a difusão de informações com relação aos seus usos e potencialidades e também estabelecer diálogo com relação à produção agrícola e a relação com estes recursos. Neste percurso também se estruturaram atividades de formação e informação sobre as plantas alimentícias não convencionais (PANC).

Palavras-chave: Plantas alimentícias não convencionais; Agroecologia; Segurança Alimentar.

Introdução

As atividades práticas são importantes pela perspectiva de possibilitar a experiências referentes às situações e às relações na prática e no campo, bem como pela característica formativa destes processos, o que para além de conferir condições de integração entre a experiência e a sistematização, é fundamental para a construção de um perfil profissional melhor qualificado e atento às dinâmicas do campo de atuação.

A agroecologia se caracteriza para além das relações convencionais de produção e, por conseguinte, não se limita a aplicação de técnicas para a otimização da produção. Neste caso, a relação com o sistema de produção na agricultura se associa a diversas outras dimensões que balizam as relações sociais e humanas, ambientais e ecológicas, econômicas, produtivas e etc. A sustentabilidade é pilar fundamental da agroecologia. Nessa compreensão a racionalização do uso dos recursos locais disponíveis é um elemento a ser bastante considerado.

As plantas alimentícias não convencionais (PANC) constituem um importante exemplo sobre como os estudos sobre os recursos vegetais locais, e sobre as relações que as pessoas e comunidades estabelecem com estes, podem apontar para a otimização da utilização dos recursos aliada com a sustentabilidade dos sistemas de produção de alimentos. Nessa perspectiva as PANC ainda se inserem como potenciais de incremento nutricional nas dietas alimentares e de ampliação da oferta e variedade de itens alimentícios disponíveis à população,

podendo ainda ser incorporados a sistemas de produção e distribuição, bem como como posterior introdução no mercado de alimentos, mobilizando assim mais uma fonte de agregação à agricultura familiar, à economia solidária e ao âmbito dos debates sobre segurança alimentar e nutricional (KINUPP, 2004); (KINUPP, 2014).

Faz-se aqui o destaque a algumas plantas pioneiras que tiveram suas mudas recolhidas da própria área de campo e inseridas na Unidade de PANC.

A beldroega (*Portulaca oleracea*), também chama de beldroega pequena ou onze-horas, é uma planta herbácea anual e de crescimento espontâneo em solos bom teor de matéria orgânica e umidade, de folhas sésseis e suculentas. Seus ramos, folhas, flores e sementes podem ser consumidos, rica em vitamina C, betacaroteno e ômega 3. Possui propriedades vermífugas, diuréticas e antiinflamatórias. Pode ser consumida *in natura* ou após processo de cozimento. Sua propagação ocorre através de sementes (KELEN, 2015).

A serralhinha ou pincel de estudante (*Emilia* spp.) é uma planta da família Asteraceae, considerada daninha, nativa da Ásia, Polinésia, África e América, sendo muito comum neste último continente, normalmente presentes em culturas perenes e anuais e perenes, sendo encontrada em todas as regiões brasileiras (LORENZI, 2006).

Segundo Agra et al. (2008), na região Nordeste do Brasil usam-se as suas folhas em infusão no tratamento de febres e diarreias. Sendo que também encontram-se relatos do uso desta mesma técnica para tratar de inflamações oculares e cólicas (NOUMI; DIBAKTO, 2000 apud LESSA, 2013).

A trapoeraba ou marianinha (*Commelina benghalensis*) é comumente citada entre as principais plantas infestantes das áreas de cultivo agrícola no Brasil,

considerando a sua frequência de ocorrência e as dificuldades encontradas na realização do seu controle (Kissmann & Groth, 1997).

Objetivo

Esta atividade teve como objetivo:

a) Implantar uma Unidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas.

Metodologia

O processo de implantação se iniciou com o planejamento da Unidade, no qual se procedeu o levantamento das plantas espontâneas com potencial alimentar localizadas na área de campo da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, da Prefeitura de Cruz das Almas, Bahia.

A unidade ficou compreendida numa área com 6 metros de largura por 14 metros de comprimento (6m x 14m) perfazendo assim uma área total de 84 metros quadrados (84 m²), próxima ao viveiro das mudas e ao lado do galpão de máquinas e implementos. Uma área relativamente pequena, mas suficiente para se organizar alguns canteiros amostrais com as principais plantas alimentícias não convencionais encontradas na área de campo.

As PANC inicialmente encontradas foram: a) língua de vaca (*Talinum paniculatum*); b) bredo de porco (*Amaranthus* spp.); c) beldroega (*Portulaca oleracea*); d) serralhinha ou pincel de estudante (*Emilia* spp.); e, e) trapoeraba ou marianinha (*C. benghalensis*). Posteriormente também foi identificada a chanana (*Turnera*

ulmifolia). Alguns outros vegetais se incorporam a lista de PANC encontradas na área de campo, como o mamoeiro (*Carica papaya*), cujo fruto quando verde também pode ser consumido, e a castanhola-da-praia (*Terminalia catappa* L.), cuja polpa da fruta é potencialmente alimentar.

No decorrer do processo de implantação da Unidade também foram inseridas plantas alimentícias não convencionais trazidas de outros espaços que não a área de campo da Secretaria. Assim foi o caso do cará-moela (*Dioscorea bulbifera*), cuja “batata” foi trazida da unidade do SETAF - Recôncavo (Serviço Territorial de Assistência à Agricultura Familiar); da taioba (*Xanthosoma sagittifolium*) e do mangará (*Colocasia esculenta*), cujas mudas foram trazidas de comunidades rurais do município de Taperoá; da ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), cujas estacas foram retiradas de uma planta matriz no município de São Félix.

A área de implantação da unidade foi recebida com um histórico de compactação e com a presença em abundância do capim dandá ou tiririca (*Cyperus rotundus*), planta bastante conhecida na região do Recôncavo e que muitas vezes é considerada como “praga” em áreas de cultivo. Tais condições inauguraram, no processo de vivência e de implantação da Unidade, o enfrentamento de desafios. Desafios estes, que no âmbito formativo aponta para a possibilidade de situações similares no curso do exercício profissional. Logo, à medida em os desafios são percebidos, compreendidos e enfrentados vai acumulando

experiências que impactam positivamente a formação do estagiário.

A Unidade foi organizada em canteiros, tendo como concepção central a otimização e a melhor disposição das plantas a serem ali cultivadas, respeitando os espaços onde já havia concentração de determinada planta de interesse para a Unidade, como por exemplo: o canteiro das serralhinhas foi preparado em local próximo a onde já se encontravam exemplares desta planta, num dos cantos da área que foi denominado de “canto das serralhinhas” ou a área na lateral próxima ao galpão das máquinas em a concentração de beldroegas era também considerável. Tal cuidado se fundamenta, dentre outras possibilidades de fundamentação, na intenção de redução dos impactos negativos às plantas, bem como sob a observação de que se o desenvolvimento destas tem se dado em maior concentração numa determinada área, supõe-se que neste ambiente se apresentam condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento.

Como estratégia de ocupação da área, os trabalhos de composição dos canteiros foram realizados inicialmente na porção da Unidade com menor ocorrência do capim dandá e que também garantiam uma melhor condição de manejo, que representa a sub-área A. Já a porção com maior incidência do capim dandá, que representa a sub-área B, foi manejada com tratos como revolvimento e catação manual dos bulbos reprodutivos do dandá, bem como a implantação gradativa de outras plantas de interesse da Unidade. O processo de retirada do capim dandá foi um trato de rotina na área, devido à alta capacidade de reprodução e proliferação desta planta.

Resultados

Com a implantação da Unidade de PANC na Secretaria, pode-se vislumbrar possibilidades de realização de oficinas para associações produtores rurais locais e para as escolas municipais, tanto na perspectiva de ampliar os debates sobre estas plantas, como dialogar sobre a possível implantação de unidades nas comunidades, nos formatos de hortas-jardins.

Quanto às oficinas, foram construídas propostas com conteúdo programático específico voltados para os referidos públicos. Um outro resultado importante foi a construção de uma cartilha técnica, tratando sobre algumas informações referentes às plantas da Unidade e indicações de receitas, na perspectivas de garantir uma maior familiarização das pessoas com as PANC, potencializando o conhecimento sobre estas e fomentando o uso.

Também aponta-se que com a construção da unidade de PANC se constituiu um espaço de demonstração destes recursos vegetais locais de uso alimentar e que não figuram no mercado convencional.

Conclusões

Conclui-se que as plantas alimentícias não convencionais podem ser colocadas como alternativa alimentar nas dietas em comunidades rurais ou com potencial de incrementação na merenda escolar, por exemplo.

Um dos gargalos para a ampliação do uso das PANC no cotidiano é a desinformação com relação ao potencial de uso alimentar dos recursos vegetais locais. Logo, estes processos de familiarização gradativa e de socialização de informações se faz muito

importante para destravar o acesso ao conhecimento sobre o uso de determinadas plantas. (KINUPP, 2014)

Referências

1. AGRA, M. F.; SILVA, K. N.; BASÍLIO, I. J. L. D.; FREITAS, P. F.; BARBOSA-FILHO, J. M. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, Curitiba, v. 18, n. 3, p. 472-508, 2008.
2. CUNHA, Manuela Carneiro da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. *Estudos avançados*, v. 13, n. 36, p. 147-163, 1999.
3. KELEN, Marília Elisa Becker et al. Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) : hortaliças espontâneas e nativas / organização de. -- 1. ed. -- Porto Alegre : UFRGS, 2015. 44 p.
4. KINUPP, V. F. Plantas alimentícias não-convencionais (PANCs): uma riqueza negligenciada. **REUNIÃO ANUAL DA SBPC**, 61a, p. 4, 2009.
5. KINUPP, V. F.; BARROS, IBI de. Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas do Brasil. *Horticultura brasileira*, v. 22, n. 2, p. 17-25, 2004.
6. KINUPP, V. F.; LORENZI, H. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014. 768 p.
7. KISSMANN, K. G.; GROTH, D. Plantas infestantes e nocivas. 2 ed. São Paulo: Basf Brasileira S. A., v. 1, 1997, 824 p.
8. LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas:plântio direto e convencional. 6. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarium, 2006. 339 p.
9. LEAL, M. L. et al. Conhecimento e uso de plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Ribeirão da Ilha–Florianópolis/SC. 2015.
10. LESSA, B. F. T. Germinação de sementes de *Emilia coccinea* (Sims) G. DON em função da luminosidade, temperatura, armazenamento e profundidade de semeadura. *Semina: Ciências Agrárias* [en linea] 2013, 1 [Fecha de consulta: 23 de marzo de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445744137007>> ISSN 1676-546X
11. PEDREIRA, S.S.B.A. Contribuições do Estágio Interdisciplinar de Vivência para a formação médica: relato de uma experiência em área de Reforma Agrária no estado da Bahia – Brasil. 2014. 111p. Monografia (Bacharelado em Medicina), Universidade Federal da Bahia. 2014.